

Benedita Gomes Rosa

Fotos: Francisco Saragiotto Neto, Maria Helena Tafner da Silva e José Reynaldo da Fonseca

Piracema nas alturas

A exemplo dos peixes que para aninhar seus alevinos buscam as águas puras da cabeceira dos rios, viajando quantidade imensa de quilômetros, enfrentando obstáculos mais diversos e perigosos, casais de Tesourinha-do-campo (*Tyrannus s. savana*) saem, não sabemos de onde nem que distância percorrem, mas chegam até nossas montanhas aqui em Serra Negra, Estado de São Paulo, na primavera de todos os anos para construir seus ninhos.

Há muito tempo vimos observando e, do que temos registrado é esta, a única espécie de pássaro que assim age nesta região: vêm às montanhas somente para criar.

O que existe de extraordinário, a nosso ver é a sintonia perfeita da natureza, coisa que muitas vezes o corre-corre do cotidiano deixa-nos de olhos nublados a tanta beleza ao nosso redor.

Quando a "batinga" (*Eugenia duríssima*), planta da família das Mirtáceas que prenuncia a primavera em nossas montanhas se prepara para florescer, nos céus, aparece o primeiro casal de Tesourinha-do-campo.

Não chegam aos bandos. Silenciosamente, chegam aos pares.

Não viajam juntas. Vão surgindo aos poucos na linha do horizonte.

As árvores dos ninhos são quase sempre as mesmas. Mudam os galhos a cada ano. Entre uma árvore que abriga um ninho e outra que acolhe outro casal, há um raio de duzentos metros ou mais.

Árvores altas, de preferência às margens de um riacho ou de um ribeirão. Os ninhos acima dos galhos das copas e embora não tão caprichados e artísticos, as fortes chuvas da estação não conseguem danificá-los.

Desconhecemos a colocação de Carlos Euler ao descrever tal berço dos filhotes mas o formato de tigelinha ou gamela (como preferem alguns auto-



res) parece-nos desconfortável para acomodar pássaro com cauda tão avantajada, leve, delicada, deixando impressão que as penas alongadas podem quebrar-se a qualquer instante.

Encontramos no material de confecção um pouco de tudo, até pedaços de fio de cobre.

Enquanto o namoro vai acontecendo e os ninhos são preparados, a "batinga" cobre-se de flores alvíssimas, qual manã de geada em plena primavera. Geada cheirando a néctar, atraindo uma multidão de insetos.

Vem a postura, o choco e, paralelamente, os frutos da "batinga" vão ficando prontos. Primeiro verdes, depois amarelo-avermelhados e quando bem maduros, assumem coloração de um negrume que brilha os raios de sol.

Os filhotes nascem, o cardápio está preparado. São os frutos da "batinga" o principal elemento da dieta alimentar para as tesourinhas enfrentarem a viagem de volta. Mas para onde???... é o que perguntamos todos os anos...

De acordo com Helmut Sick, à pá-

gina 630 de "Ornitologia Brasileira" "...indivíduos machos da raça meridional têm três primárias entalhadas na ponta, enquanto as raças setentrionais têm apenas duas primárias transformadas."

Após um forte temporal, com muito vento, encontramos, no anoitecer, um filhote entanguido às margens do ribeirão que roncava com volume d'água triplicado e, em volta, voando de lá para cá, a mãe desesperada não encontrava solução para devolvê-lo ao ninho.

Nessa noite, o filhote de tesourinha foi nosso hóspede e dele pudemos registrar, fotograficamente, alguns detalhes. Na verdade, embora neo nascido, as três primárias das asas já esboçavam entalhes o que nos levou a voltar contatos com o Brasil Central.

Agentes do IBAMA da Chapada dos Veadeiros (GO) e Chapada dos Guimarães (MS) informaram, gentilmente que, exemplares da espécie foram vistos nas proximidades de Brasília (elementos adultos) mas nos limites dos dois parques não havia registro de tais

